

**Memórias de mulheres e amigos: interesse e afeto no meretrício de Fortaleza  
(1960-1980)**

Érika Bezerra de Meneses Pinho (UFC) - Autora

Cristian Paiva (UFC) - CoAutor

Francisca Ilmar de Sousa - CoAutora

**Resumo**

Este artigo, parte de minha dissertação de Mestrado, foi elaborado a partir de narrativas de histórias de vida de mulheres idosas, que exerceram a prostituição na zona do Farol do Mucuripe, em Fortaleza, nas décadas de 1960 a 1980. A prostituição tem sido comumente representada como a troca de sexo por dinheiro, e a “ausência de amor” entre prostituta e cliente já foi definida como uma das características do comércio do sexo. Pesquisas mais recentes, no entanto, tem modificado a definição desta instituição social, por meio da observação mais detalhada das trocas envolvidas entre prostituta e cliente. Neste estudo, as memórias das personagens apresentam tantos casos em que afetividade e sexo venal se inter cruzam, que se torna impossível considerar tais casos exceções à regra da ausência de sentimentos. As personagens dessa pesquisa falam de um período em que o envolvimento afetivo com os clientes era não apenas comum, mas parte da maneira como a prostituição era praticada. Entre a relação romântica e o sexo venal, que poderiam ser considerados opostos, as mulheres das pensões situavam modalidades intermediárias de envolvimento afetivo, representadas em uma classificação própria. Nesse contexto, as mulheres pesquisadas distinguiam os clientes eventuais daqueles que lhes visitavam assiduamente e compartilhavam com elas alguma intimidade, nomeados de “amigos”. Cultivar cotidianamente esse tipo de laços possibilitava, às mulheres, inscreverem-se em uma economia particular de dádivas e contradádivas.

**Palavras-chave: Prostituição. Dádiva. Sociabilidade.**

## Introdução

O cenário tem a beleza antiga, mas muito viva, que também vejo no rosto das minhas entrevistadas. O local é a comunidade do Serviluz, em Fortaleza, que guarda as características de muitas periferias que já conhecemos: as casas estreitas tem a ousadia da cor, e algumas se erguem em dois ou três andares, abrigando mais de uma geração da mesma família. A paisagem se diferencia quando, andando na rua Titã, avista-se o final dos becos formados pelos muros das casas, e podemos ver e ouvir o mar muito próximo. Desse ponto do bairro, também é possível vislumbrar o Farol e o porto do Mucuripe, e adivinhar um pouco da história da zona de prostituição que existiu ali, quando a rua principal, apinhada de cabarés com suas luzes coloridas, chegou a ser conhecida como a *Las Vegas* do Ceará. As fundadoras da zona, e guardiãs das memórias do local, se estabeleceram na região portuária, então inóspita, na década de sessenta, quando tiveram suas casas de prostituição removidas da faixa litorânea do bairro Mucuripe, com vistas à construção da atual avenida Beira-Mar. As mulheres cujas falas são citadas neste artigo continuam morando na localidade que as recebeu, nas proximidades do cais do Porto, vivendo de suas aposentadorias e da ajuda dos filhos. Elas acompanharam a ascensão e queda da zona, dos anos de maior movimento ao atual cenário de clientela escassa, com poucos bares que funcionam como prostíbulos.

Glória, Dorinha, Maria Angelina, Dircinha, Novinha e Augusta, com, respectivamente, 55, 64, 67, 73, 72 e 82 anos, são as personagens citadas neste artigo. Durante o período da pesquisa, foram realizadas entrevistas semidirecionadas, aliadas a estratégias próprias do fazer etnográfico, que incluíram a interpretação dos significados culturais presentes nas falas e práticas das pesquisadas, assim como a presença da pesquisadora no Serviluz, onde as mesmas residem, de modo a conhecer suas práticas cotidianas e criar uma rede de relações própria ao desenvolvimento do trabalho. Embora registradas pelo gravador, as entrevistas assumiam o caráter de conversas informais, e aconteciam principalmente ao cair da tarde, em cadeiras nas calçadas ou na privacidade das casas.

Meu contato com as pesquisadas começou em 2010<sup>1</sup>, e se estende até o momento atual, com a formação de laços de amizade que se fortalecem em função da

---

<sup>1</sup> Karlla, uma das líderes comunitárias do bairro, com quem tenho contato desde 2006, apresentou-me as primeiras entrevistadas. A rede de contatos se ampliou até o número de onze pesquisadas, por indicações pessoais que passaram a acontecer após as entrevistas.

continuidade das idas à comunidade e das constantes visitas às casas das mulheres entrevistadas.

Nesse trabalho, proponho um exercício analítico em torno de um dos dados revelados no discurso das entrevistadas: a aparente proximidade e permeabilidade entre afetividade e interesse econômico, nas relações ensejadas no contexto prostituinte que emoldura as histórias sobre amores e “amigos” contadas pelas pesquisadas.

### **Esposas à beira do cais**

O meretrício tem sido comumente representado como a troca de sexo por dinheiro, e a “ausência de amor” entre prostituta e cliente já foi definida como uma das características do comércio do sexo, como na etnografia de Anjos Júnior (1983) sobre a mesma *zona do Farol*<sup>2</sup>. A partir do contexto específico de seu campo - uma zona de baixo meretrício, no final da década de setenta, quando as prostitutas locais começavam a se organizar em torno de um movimento associativo - esse autor enumera “fatores simultâneos” que definiriam o ato prostituinte:

[...] aluguel do corpo, frequência em que esse aluguel ocorre, jogos sexuais e *ausência de amor*, sendo que os últimos três são derivados do primeiro. A *ausência de amor* é um fator importante para que se compreenda, analiticamente, o quociente das relações de intimidade da prostituta, visto que a decomposição do binômio mulher/prostituta é de grande utilidade à compreensão do referencial ideológico que orienta todo o seu trabalho. (ANJOS JÚNIOR, 1983, p. 11, grifo meu).

O Dicionário Houaiss da língua portuguesa traz a acepção da prostituição como “atividade institucionalizada que visa a ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais”. Pesquisas mais recentes, no entanto, tem modificado as definições simplistas das práticas prostituintes, por meio da observação mais detalhada das trocas envolvidas entre prostituta e cliente, e das imbricações entre intercâmbios monetários e afetivos que podem acontecer nos contextos de prostituição (ABSJ, 2011).

A complexidade e a multiplicidade do objeto são evidenciadas nos argumentos de José Miguel Olívar. Para este autor, a prostituição deve ser observada como “uma troca, um tipo de relação que vai muito além do “sexo” e do “dinheiro”, e que deve ser

---

<sup>2</sup> Cf. ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. A serpente domada: Um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício. Fortaleza: UFC, 1983.

abordada em toda sua complexidade, positividade e singularidade” (OLÍVAR, p. 27, 2010). É assim que, em um momento de sua etnografia com prostitutas de Porto Alegre, o autor se depara com relações em que amor e interesse, desejo e necessidade material, parecem se imiscuir, no cotidiano de prostitutas e cafetões. E evidencia que a separação perfeita das esferas afetiva e econômica parece pouco provável no contexto estudado:

Aqui o burguês ou anarquista (RAGO, 1985) abismo entre lucro econômico e prazer simbólico/amoroso, entre a imagem da relação amorosa como economia de bens ou como circuito de dádivas não parece nada claro. (OLÍVAR, p. 180, 2010).

Em sua etnografia nos prostíbulos da Bolívia, a antropóloga Pascale Absi (2011, p. 382), questiona: “Sexo contra dinheiro. Será isso tudo que está em jogo [...]?”. As pesquisas de Olívar e Absi, em que pesem as diferenças dos campos estudados, chegam a conclusões que contribuem para pensar a prostituição a partir de uma multiplicidade de fatores, em que as trocas vão para além do intercâmbio sexo/dinheiro. Em ambos os estudos, tem-se a prostituição observada não como uma instituição eterna, sem historicidade, mas vista desde os aspectos relacional e de gênero, e, de modo mais amplo, desde sua positividade, de suas características singulares (RAGO, 2008).

A concepção de que não haveria algo como “a” prostituição, instituição eterna e de características permanentes, perpassa as reflexões da antropóloga Laurie Shrage (1994), que serão fundamentais para este artigo. Analisando etnografias sobre a temática da prostituição, Shrage observa que a mesma prática, da troca do sexo por dinheiro, é interpretada de maneira bastante distinta pelos sujeitos de cada pesquisa. A partir dessa compreensão, Shrage chama a atenção para o fato de que os atuais conceitos sociológicos e políticos sobre a prostituição não se aplicam a pesquisas que se reportam a outros momentos históricos.

As observações de Shrage sobre uma etnografia em particular demonstram que a oposição entre os modelos femininos de esposa e prostituta, que tende a ser posta como uma evidência pelo senso comum, pode ser desmentida em alguns contextos empíricos. Para questionar a imanência de tal oposição de papéis - bastante central para a ideia de uma prostituição de características eternas, Shrage lança mão da etnografia de Luise

White<sup>3</sup>, sobre a prostituição praticada em Nairóbi, capital do Quênia<sup>4</sup>, na primeira metade do século XX. De acordo com White (1990, p. 1-2, *apud* SHRAGE, 1994, p. 106, tradução minha), na modalidade de meretrício praticada em Nairóbi,

As mulheres, na ausência de oportunidades de emprego formal, ganhavam o dinheiro necessário à aquisição de propriedades por meio da prostituição... Não houve rufiões ou cafetinas em nenhuma época da história do Quênia, o que possibilitou às prostitutas administrar seus próprios ganhos – quando lhes era de interesse – e manter relações íntimas e estáveis com os colonos que eram seus clientes.

Segundo a autora, a forma de prostituição praticada no Quênia, à época, estava relacionada com características do regime colonial em que o país vivia. Os colonos que ali viviam, segundo a pesquisadora, contratavam os serviços de prostitutas não apenas como “válvula de escape sexual”, mas também lhes pagavam pela realização de tarefas domésticas nas residências que fixavam na colônia.

Em suma, a prostituição nesse contexto era organizada a partir de pressupostos culturais e necessidades formatadas por uma conjuntura social específica – os pressupostos de gênero e as supostas necessidades de subsistência da força de trabalho masculina, assim como as necessidades familiares e as aspirações pequeno-burguesas das filhas de camponeses locais (SHRAGE, 1994, p. 108, tradução minha).

De tal modo que, nesse local e época, Shrage conclui, as prostitutas assumiam o papel de “esposas de meio-período”. As reflexões dessa autora interessam a essa pesquisa, na medida em que, no contexto retratado nas memórias das entrevistadas desse artigo, a prática prostituinte era informada por alguns aspectos particulares, a saber: a *sociabilidade de fronteira*, característica da prostituição portuária; e as relações de longo prazo estabelecidas entre prostitutas e alguns marítimos, que se tornavam seus clientes preferenciais. Passo a discutir esses dois aspectos a seguir.

Utilizando o termo “sociabilidade de fronteira”, refiro-me aos trânsitos de pessoas típicos das zonas de meretrício localizadas em regiões portuárias. Nas décadas de 1960 e 1970, o porto do Mucuripe recebia navios com bandeiras de várias nacionalidades, de forma rotineira<sup>5</sup>. A circulação constante de marítimos holandeses,

---

<sup>3</sup> WHITE, Luise. *The comforts of home: prostitution in colonial Nairobi*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

<sup>4</sup> País da África Oriental, colônia do Reino Unido até o ano de 1963.

<sup>5</sup> A queda no movimento do porto foi determinada, entre outros fatores, pela inauguração do Terminal Portuário do Pecém, no ano de 2002, no município de São Gonçalo do Amarante, a sessenta quilômetros de Fortaleza. Por sua localização estratégica e pela infraestrutura capaz de receber navios de maiores proporções, tem substituído o Porto do Mucuripe como ponto de passagem de rotas internacionais.

dinamarqueses, norte-americanos, japoneses e alemães, entre outras nacionalidades, configurava uma cultura local com características cosmopolitas. Os encontros interculturais forjavam, entre as mulheres nativas, novos desejos e idealizações sobre as masculinidades, que contrapunham as características dos homens locais àquelas atribuídas aos estrangeiros. A fala de Maria Angelina, citada abaixo, ilustra a preferência da maioria pelos homens estrangeiros - justificada, por elas, pelo pagamento em dólar, mas também por características culturais específicas atribuídas aos “de fora”:

Mas era melhor os homens de fora! Porque os homens de fora, num sei por que... mas eu nunca, nunca, gostei de homem daqui. Foi poucos, os que eu gostei daqui, de terra, sabe? Porque eles são assim, bruscos. Os homens de fora, não, tratam a gente tão bem! Na época, era. Tratavam a gente tão bem, que até os terrestre ficavam com raiva da gente, quando chegavam os de fora! Que eles diziam que a gente num olhava nem pra eles! Num olhava nem pra eles quando a gente tava com os de fora. Os de terra reclamavam com a gente né? [Maria Angelina].

Sobre este período da história do Serviluz, o antropólogo Leonardo Sá escreve:

A zona do Farol era um desses exemplares dos bas-fonds característicos das zonas portuárias mundo afora. Os trabalhadores portuários, estivadores, os pescadores artesanais, os pequenos comerciantes e os marítimos do Serviluz entravam num circuito de concorrência masculina pela preferência e estima das prostitutas mais bonitas, benquistas, apreciadas e comercialmente procuradas. Os homens locais enfrentavam nesse espaço de masculinidades em disputa os homens da cidade de outros bairros e os marítimos e marinheiros forasteiros ou estrangeiros. Estes dois últimos como clientes eram mais estimados, pois possuíam recursos e repertórios culturais próprios muito apreciados entre as prostitutas (SÁ, 2010, p. 201).

Esse contexto cultural, engendrado tanto pelas aspirações das mulheres locais, como pelas demandas dos marítimos estrangeiros que acediam ao porto do Mucuripe de forma regular, criou as condições para que as prostitutas tivessem, na zona do Farol, o tipo de cliente preferencial que recebia a alcunha de amigo. Da mesma forma, esses embarcações – estrangeiros ou de outros estados brasileiros – elegiam, em alguns portos, de acordo com os relatos das entrevistadas, determinadas prostitutas que lhes supriam necessidades afetivas de acolhimento, além da prestação de serviços sexuais. Havia um acordo tácito entre a prostituta e seu amigo, de modo que, durante a estadia do marítimo na cidade, os encontros sexuais entre ambos seriam mutuamente

exclusivos<sup>6</sup>, como descreve Dona Novinha: “[...] quando ele vinha, era só pra ele. Quando ele tava perto de mim, eu passava dois dias sem ficar com outro homem! Só ficava com outro homi depois que ele ia embora”.

No caso das relações entre prostitutas e *amigos*, a figura feminina da esposa, ao contrário de um par antagônico, poderia ser mais precisamente descrita como um modelo do qual as narradoras dependiam. No caso de Novinha, o conceito de “esposa em meio-período”, proposto por Shrage, parece mais aproximado. No relato transcrito abaixo, a entrevistada descreve uma relação mantida com um embarcadiço seu *amigo*, durante um período de nove anos:

Ah, eu conheci ele... Passei mais de nove ano gostando dele. Mais de nove ano. Ele era muito bom, muito bom, mesmo. Essa chinela japonesa, não tinha no Brasil. Quem primeiro botou chinela japonesa, no Brasil, aqui, foi eu, e a Dolores Branca, que era uma mulher que gostava do rapaz do mesmo navio, do Crispim<sup>7</sup>. Aí, ele trouxe uma chinelinha pra nós, aí começou a dizer assim: “minha filha, calce a chinelinha, pro pessoal ver, que eu tenho muito lá, à bordo [à venda].

Eu conheci esse rapaz quando eu morava no Mucuripe. Aí, quando nós viemo pra cá, avisei ele também. Quando o navio chegava, ele vinha direto pra minha casa. Aí foi o tempo que, não sei porque, nós se deixamo. Aí foi um desacerto danado. Foi muito choro. Ele trazia muita coisa pra mim, só coisa estrangeira. Era perfume, era roupa, era calçado. Ele passava dois, três mês, pra vir. Porque o navio ia pro exterior, demorava muito. E aí, quando ficava aqui, passava às vezes três dias, dois dias, porque o navio era estrangeiro. Navio estrangeiro não pode demorar muito no porto. Ele era muito bom pra mim, muito mesmo. Tô dizendo, essas chinelinha japonesa quem primeiro botou no pé, no Brasil, foi eu, e eles trouxe um bocado pra vender, que era contrabando, naquele tempo. Fazenda [tecidos] ele trazia só pra mim, trazia corte. Trazia muita coisa, muita. Ele era de Rio Novo, de São Luís do Maranhão. Ele era um cabocão alto, bonito que só. Ave Maria, eu era encantada por ele, meu Deus do céu. Quase que eu enlouqueço. Era novinha, né, parecia até com gente.

Se desencontramos porque foram dizer lá que eu tava com outro amigo dele, e eu nem tava. E jurou como eu tava, e eu disse uma porção de coisa com ele, e ele disse que eu tava, e eu que eu não tava, não... Eu disse que o outro teve lá em casa, mas tava com uma inquilina minha. Não era comigo, não. Pois é, minha filha. Aí nós deixemo tudo. Também, eu comecei a arranjar os outros homi. Aí

---

<sup>6</sup> A maioria dos relatos menciona estadias de três dias a cinco dias, período de permanência dos navios na cidade.

<sup>7</sup> O lagosteiro Crispim, de bandeira britânica, fez sua primeira viagem pela costa brasileira em 1958. Pertencia à companhia de exportação Pan Americana, fundada por um comerciante inglês. Fonte: ASSAD, Luís Tadeu. Tradição, modernidade, sustentabilidade. Icapuí-CE: os desafios do desenvolvimento de uma comunidade diante do imperativo da sustentabilidade. 2002, 290 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Área de Concentração Política e Gestão Ambiental), Universidade Federal de Brasília. Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.unbcds.pro.br/publicacoes/LuisAssad.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2012.

perdi a amizade dele. Comecei a arranjar outros namorado, né. Era nova...

Mas nesses nove anos, eu não tinha só ele, não. Tinha meus namorado! Tinha muito namorado, e era mais era americano. Não era brasileiro, não. E ganhava muito presente, naquela época, era bom. (NOVINHA).

O dinheiro pago pelos homens que frequentavam as casas de prostituição deste período comprava não apenas sexo com as mulheres ali disponíveis, mas intermediava a construção de relações em que afetividade e interesse econômico não parecem ser pares antagônicos, mas antes estabelecem uma relação complementar. No caso específico das relações das mulheres e seus amigos, o dinheiro não parece ser um elemento impessoalizante, mas um fator constitutivo de relações sociais.

A narrativa de Glória, sobre o relacionamento que manteve, ao longo de anos, com um de seus amigos, ilustra essa permeabilidade entre pagamento e desejo, amor e dinheiro. Ela e seu amigo se viam, conforme o ano, a cada três meses ou até semestralmente, e ela o descreve como o grande amor de sua vida, e uma vez me fez um discurso arrebatado:

É engano das pessoas dizer “prostituta não gosta de ninguém, só gosta de dinheiro”. É engano. A gente gosta. Mas eu tomava cuidado pra não me envolver, com certeza. Pra não me machucar, e eu não sofrer outra vez mais. Porque a coisa pior... Olhe, você passar três, quatro dias, com a pessoa que ama, enquanto o navio tá aqui... E, quando a pessoa sai, é aquele vazio!... [GLÓRIA]

No dia em que esta história me foi contada, perguntei a Glória, apenas para confirmar o que eu dava como certo: “Sim, mas ele não te pagava, claro”. E ouvi: “lógico que ele me pagava”, a frase em tom exclamativo que denunciava meu equívoco. A narrativa do começo da relação é outro momento em que negócio e amor se misturam:

Conheci ele às duas horas da manhã, liso, sem nenhum tostão. Gostei dele, mesmo. Botei ele pra dormir, dei carinho... Levei ele pra casa, como quem achou um animal ferido. Dei casa, dei bebida. E aí me apeguei a esse homi. Depois, ele me pagava, ele me dava dinheiro, lógico. [GLÓRIA]



## **Amigos e ganhos simbólicos**

Nas primeiras ocasiões em que ouvi sobre os clientes na condição de “amigos”, pareceu-me que estes seriam, nos espaços de prostituição, uma minoria, exceções à regra de encontros rápidos e sem perspectiva de continuidade. Minhas próprias projeções, a partir de uma pesquisa no baixo meretrício (PINHO, 2005), estavam ainda relacionadas a uma prática prostituinte contemporânea, em que a prostituta se autodetermina como profissional do sexo e o termo “cliente” é empregado com naturalidade. Essa perspectiva, no entanto, não poderia ser empregada para compreender o contexto das narradoras observadas nesse estudo.

Com a repetição das conversas com as mesmas mulheres, ao longo de várias tardes em suas casas, no Serviluz, a temática dos amigos mostrou-se muito recorrente, constituindo-se em um eixo norteador de assuntos. Os depoimentos das entrevistadas revelam uma época em que a prostituição não possuía um estatuto profissional. O fato de se referirem aos frequentadores dos cabarés não como clientes, mas como amigos, não resulta de um mero eufemismo. A categoria amigos, presente nas falas das narradoras, diferencia-se da figura do cliente, representando um embarcado que se tornava conhecido da casa e desenvolvia um laço social com uma das inquilinas, a quem passava a visitar a cada vinda do navio para aquela estação portuária. Para restabelecer o contato, providências de ambos os lados eram tomadas, e era comum que os marítimos voltassem a procurar suas companheiras de costume nas boates em que as encontraram trabalhando da vez anterior, enquanto as mulheres cuidavam, caso as interessasse, em não assumir outros compromissos nos dias em que o navio de um amigo iria aportar.

A consideração dos amigos era valorizada na construção de uma imagem positiva de si. Este processo, em que dádivas e contradádivas geram ganhos simbólicos, contribuindo para a noção de honra (MAUSS, 2009) - relacionada à prodigalidade masculina e à hospitalidade feminina, é buscado no momento da rememoração como forma de distinguir a vivência pessoal na prostituição da pecha de promiscuidade relacionada ao sexo venal. Nesse sentido, é importante atentar para o fato de que as histórias relatadas pelas personagens deste estudo não são transparências, reveladoras de uma suposta verdade sobre os sujeitos, mas representam parte de um processo em que

as experiências vividas são ressignificadas. A enunciação, neste caso, parte de um lugar social estigmatizado e se constrói de modo a fugir dos estereótipos sobre a prostituição. Para tanto, as entrevistadas não irão necessariamente discordar dos estereótipos negativos relacionados à prostituição, mas podem atribuí-los a outros coletivos de mulheres - sejam as jovens de hoje, as *profissionais do sexo* atuais ou as prostitutas de uma outra zona de meretrício da época narrada<sup>8</sup> - estas, sim, classificadas pelas pesquisadas como “vulgares” e “promíscuas”.

Em um sentido próximo ao empregado pelo filósofo Georg Simmel, o dinheiro trocado por sexo aparece, no discurso das entrevistadas, como um elemento de vulgarização das relações, na medida em que faz equivaler o sexo e as mercadorias. A perspectiva simmeliana, apresentada em seu artigo “Algumas reflexões sobre a prostituição no presente e no futuro”, de 1892, exemplifica a visão romantizada que descreve a afetividade e as trocas monetárias como universos separados. O dinheiro aparece, nessa visão, como um fator de objetificação das pessoas e esvaziamento das relações sociais:

Porque assim que o dinheiro se torna a medida de todas as outras coisas - uma infinidade de objetos extremamente diferentes podendo se obter em troca dele - ele mostra uma ausência de cor e de qualidade que, em certo sentido, desvaloriza tudo aquilo de que é o equivalente. O dinheiro é a coisa mais impessoal que existe na vida prática; como tal, é de todo modo inadequado a servir de meio de troca contra um valor tão pessoal quanto a entrega de uma mulher. Se, todavia, desempenha esse papel, rebaixa a seu nível essa realidade individual de valor específico, provando então à interessada que ela não põe sua propriedade mais pessoal acima desse meio de troca, que equivale igualmente a milhares de outras coisas de menor preço. (SIMMEL, 2006, p. 05).

É fácil compreender que a profissionalização da prostituta seja pouco aceita entre as entrevistadas, quando assumimos que as mesmas integram uma comunidade moral que condena o sexo comercial. Isto fica claro quando pergunto a Dircinha se a prostituição é um trabalho, e obtenho a resposta: “É ainda pior que um trabalho, porque é uma humilhação”. Dorinha revela ideias semelhantes em suas digressões sobre seus

---

<sup>8</sup> A este respeito, discuti em minha dissertação de Mestrado, defendida em maio de 2012, sobre memórias de ex-prostitutas idosas. Em suas falas, as minhas entrevistadas operavam classificações por meio das quais diferenciavam dois coletivos de mulheres: as prostitutas da zona do Farol do Mucuripe e as “putas” da zona conhecida como “Curral das Éguas”, estas sim, descritas pelas entrevistadas como vulgares e violentas. Ver: PINHO, Érika Bezerra de Meneses. “**O tempo bom do Farol**”: transgressão, sociabilidade e afeto nas trajetórias de ex-prostitutas idosas. 2012. 238f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

primeiros meses na prostituição, no começo da década de sessenta. O discurso demonstra a não-conformidade da entrevistada com relação ao sexo comercial:

eu nunca pensei... Eu nunca tive namoro escandaloso, nunca fui de agarrar, de beijar, não, era um namoro que o máximo era pegar na mão, e dar um beijo, no rosto ou na testa, mais do que isso, não. E, de repente, eu me achei naquela situação!... Estava ali, numa boate, mercantilizando meu corpo. (DORINHA).

Para essas mulheres, parte do aspecto negativo da prostituição, do ponto de vista moral, estaria na explicitação da venda do sexo. Elas se referem a um “tempo bom”, e se esmeram em detalhar elementos romantizantes das noites nos cabarés, a exemplo das danças que precediam os encontros sexuais e da indumentária que mais escondia que mostrava o corpo. Quando citam os aspectos positivos das experiências vividas, é nesse tipo de detalhes que costumam focar a atenção. Os relatos das trocas de serviços sexuais por presentes, bem como as amizades engendradas por essas prestações, operam no discurso como uma denegação da troca de sexo por dinheiro. É nesse sentido que as entrevistadas apontam, como um dos aspectos que consideravam positivos de sua época na prostituição, a conduta discreta dos clientes no momento do pagamento: “Eles não davam dinheiro na mão da gente, não. Aí pegou, levantou o travesseiro, e botou o dinheiro debaixo”, conta Dircinha. A entrevistada Dorinha tem o mesmo tipo de explicação, sobre o dinheiro recebido de clientes, que jamais era entregue em suas mãos:

Então, nos anos 60 era assim. As garotas se acompanhavam, iam para o chateau, com seus companheiros, e era assim. Homem, pra pagar mulher, pegava dinheiro e botava na bolsa, não dava dinheiro para a mulher, nem perguntava quanto era – no meu caso. Os meus programas, né. Porque eu não tinha, assim, uma vida declarada, né, de prostituta mesmo. Eu era *garota de programa*. Tinha uns que saía, ficava assim muito amigo da gente, dava presente bons, presentes caros, sabe, não pagava, dava presentes caros. E tinha uns que pegava assim a bolsa da gente, e botava dinheiro. (DORINHA).

Nesse sentido, as relações com os amigos são enfatizadas, na produção do relato, como forma de se afastarem do estigma do sexo venal. Augusta, a mais velha das entrevistadas, com seus 82 anos, busca diferenciar as prostitutas de “seu tempo” das atuais. Ela descreve como “sem classe” as mulheres que se prostituem nas esquinas, chamando desconhecidos.

É porque hoje em dia as mulheres, pras de antigamente, eram umas mulher que se dava ao respeito, tinha os *amigos* dela, as de hoje pega qualquer um pra ir. (AUGUSTA).

É demonstrando orgulho que destacam, em suas falas: “meus amigos me ajudaram muito”. Por outro lado, ter uma cota de amigos significava mais que ter conquistado uma clientela cativa, sinalizava o pertencimento a uma rede de solidariedade social. Os amigos frequentemente ofereciam, além do pagamento, presentes e “ajudas”. Dona Dircinha relata a ocasião em que, como gerente da “boate da Baiana”, no Serviluz, garantiu que a casa permanecesse lotada durante quatro dias, em virtude da vinda de alguns navios em que trabalhavam amigos seus.

Porque nesses quatro dias, a casa ficou cheia, mas também porque eram navios que eu conhecia a tripulação. Os embarcações já eram meus amigos do meu tempo da batalha, de Natal. Eles tudim me queriam bem, me respeitavam. Aí uns vinham, chamavam os outros, e lotavam a casa (DIRCINHA).

As mulheres ofereciam companhia, amizade. E a retribuição devia ser feita também, permitindo a continuidade dessa modalidade de ciclo da dádiva, com a oferta de presentes e artigos de luxo de difícil acesso. As entrevistadas se queixam da substituição desta lógica de solidariedade por uma mentalidade comercial mais estrita, enquanto descrevem o tipo de presentes que podiam substituir ou acompanhar os pagamentos:

Mas eu tive sorte de ganhar geladeira de homem, eu tive sorte de ganhar televisão, eu tive sorte de ganhar armário. Entendeu? [...]Na época dos navios de passageiros, Anna Nery, Rosa da Fonseca, eu ganhei muito corte de tecido. Traziam seda japonesa. Tecidos, perfumes. Perfumes... Traziam muito [o perfume] Isa, que hoje já se encontra aqui, mas naquela época... Só quem usava Isa é quem usa um perfume da *Boticário* hoje, ou da *Natura*, entendeu? Você via mulher, na nossa época, com Isa em cima de uma penteadeira. Uísque, eles davam de presente pra gente, aquelas garrafas de uísque. Além do pagamento. Pra mim, na minha época, não tive lado ruim, não. Sinceramente. (GLÓRIA).

Novamente, o dinheiro e os presentes aparecem como elemento constitutivo de laços sociais. Nesse caso, como proposto por Mauss, as trocas de presentes representam, no fundo, misturas entre as pessoas envolvidas. “Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas”, diz o autor (MAUSS, 2009, p. 212). Mauss observa que, em sociedades ditas primitivas, o oferecimento de presentes faz parte dos ritos de encontro de duas pessoas há muito separadas, de tal forma que as

trocas realizadas não têm função utilitária, mas de criação e reforço de laços sociais. Neste sistema complexo, operam importante papel as relações de rivalidade, em que se disputa sobre a capacidade de ofertar coisas mais valiosas. Aspectos dessa dinâmica societária podiam ser encontrados também na comunidade da zona de meretrício do Farol, décadas atrás, quando era comum que os clientes oferecessem às prostitutas, além do pagamento pelos serviços sexuais, objetos como perfumes, bebidas e cortes de tecidos importados. Tais ofertas não poderiam ser explicadas por uma lógica utilitarista, mas se tornam compreensíveis à luz da teoria da dádiva, enunciada por Mauss.

É possível localizar, no sistema de trocas que as entrevistadas descrevem, aspectos do sistema da dádiva descrito por Mauss. São exemplos disso o caráter não-utilitário das trocas realizadas, que tinham, sobretudo, o papel de selar laços de amizade, assim como o valor de disputa que os gastos masculinos costumavam assumir. As rivalizações sobre quem é capaz de agir de forma mais pródiga representavam, também, demonstrações de masculinidade<sup>9</sup>. Sobre esse aspecto da sociabilidade na zona de meretrício do Farol do Mucuripe, nas décadas em questão, escreveu o antropólogo Leonardo Sá:

A zona não era apenas lugar de jogatinas, de comércio de sexo, de drogas e de bebidas. O Farol estava eivado de significações amorosas, libidinosas, investimentos estéticos, fluxos de desejos, que ultrapassavam a simples equação de uma troca monetária por serviços sexuais. (...) Foi deste modo que eu pude perceber que o circuito de trocas dos bordéis acabou se transformando em uma modalidade local de potlach em torno de liberalidades, honras e moedas de um universo de práticas sexuais e relações amorosas não-convencionais. As rivalidades e os antagonismos masculinos em torno da preferência e da estima das mulheres dos cabarés levava às brigas, às mortes e às traições, pois envolviam prestações totais de tipo agonístico (MAUSS, 2003) (SÁ, 2010, p. 201-202).

As histórias contadas por Dona Glória, sobre as trocas de gentilezas na recepção dos marítimos em uma casa de prostituição local, constituem um exemplo desta dinâmica. Ela explica que era comum, à época, que os marítimos recém-chegados, após um longo tempo sem visitar a casa de sua preferência, oferecessem uma quantidade determinada de peixes ou frutos do mar à dona do local. Com esse donativo, as

---

<sup>9</sup> Conclusão semelhante foi obtida pela antropóloga Pascali Absi, em outro contexto empírico. Em sua etnografia sobre uma zona de meretrício na região mineradora de Potosí (Bolívia), ela afirma: “como o trabalho, a magnanimidade é também uma qualidade essencial da masculinidade. Significativamente, o insulto familiar “*q’ewa*” significa, a um só tempo, tacanho e efeminado, no dialeto quéchuá”. (ABSI, 2011, p. 392, tradução minha).

mulheres da casa preparavam, na noite seguinte, um jantar de recepção aos marinheiros. Nessa ocasião, era costume que os marítimos presentearassem novamente as donas-de-casas<sup>10</sup> com objetos provenientes do navio, que passavam a compor a decoração do local. Na casa descrita nas recordações de Glória, a aliança entre a madame e seus clientes ficava marcada também por quadros na parede, em que os nomes dos marítimos daquela embarcação eram listados a tinta, em letras de forma. Recorrendo ao vocabulário de Mauss, é possível descrever tal troca de amabilidades como “desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo” (MAUSS, 2009, p. 232). O interesse estaria na importância social de criar um laço de amizade perene, garantindo às madames a clientela cativa, e, aos marítimos, a acolhida e a precedência sobre outros clientes, assim como o reforço de seus ideais de masculinidade.



**Figura 1** No alto, à direita: quadro com nomes de embarcações enfeitada parede da boate. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada Glória.



**Figura 2** Bandeiras de embarcações decoram as paredes da boate. No alto, à esquerda: bandeira da Companhia Brasileira de Transportes de Granéis (CBTG). No alto, à direita: bandeira da Aliança Navegação e Logística. Fonte: arquivo pessoal da entrevistada Glória.

<sup>10</sup> Aqui, “donas-de-casas” aparece como uma designação êmica que, assim como “madames”, representa as mulheres proprietárias de bares, dancings e outras casas que funcionavam como prostíbulos.

Nas histórias contadas, os gastos suntuários serviam como medida de valorização pessoal. Entre os homens, a prodigalidade era incentivada: pagar muitas “doses” às mulheres, ser generoso no pagamento dos programas e oferecer-lhes presentes eram atitudes masculinas prestigiosas. Entre os pescadores locais, tais comportamentos eram adotados também para rivalizar com os estrangeiros. Entre os marítimos de outras nacionalidades, a disputa por mulheres e os gastos nos cabarés locais também refletiam uma rivalidade permanente. Assim, as entrevistadas descrevem a separação de clientes por nacionalidades, de modo que algumas casas especializavam-se na acolhida exclusiva de alemães ou de americanos, sem jamais misturá-los, como forma de evitar lutas corporais e prejuízos ao negócios.

Era muito homem. Descia trinta, quarenta, cinquenta homens, assim, a fileira. Só pra você ter uma idéia, aqui tinha as boates: Sayonara, Chave de Ouro, Las Vegas... Só recebia gringo. Chave de Ouro, uma época, também só recebia gringo. Depois que trocou de proprietária foi que passou a receber brasileiro. Las Vegas, Sayonara, Hamburg Bar, só era casa de alemão. Alemão, norueguês, dinamarquês. [...] Os gregos chegavam, a dona da casa tinha aquela pilha de prato, que eles só dançam quebrando. Comprava pra eles quebrarem, mas ela não perdia nada com aquilo ali, não. No final da festa, o dela tava na mão [DONA GLÓRIA].

### **Considerações finais**

As trocas não-utilitárias tinham, nesse contexto, um papel simbólico importante: para as mulheres que trabalharam e viveram na zona do Farol nessas décadas, a experiência no meretrício parece abranger todas as áreas da vida – em vez de se resumir a uma esfera separada. As relações com os marítimos facilmente se confundiam com relações afetivas, uma vez que o sistema de pagamento por serviços sexuais poderia ser ocultado ou substituído por dádivas feitas e retribuídas. Os envolvimento pessoais e afetivos descritos pelas mulheres pesquisadas neste trabalho contradizem a noção comum de que afeto e relações utilitárias não podem – ou não deveriam – se misturar.

### **Referências bibliográficas**

ABSI, Pascale. De la trasgresión a la a la subversión: el valor del dinero em los prostíbulos de Bolívia. In: PAVEZ, Jorge e KRAUSHAAR, Lilith: **Capitalismo y Pornologia**. Santiago, Universidad Católica del Norte, 2011. p. 379-404.

ANJOS JÚNIOR, Carlos Silveira Versiani dos. **A serpente domada**: Um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício. Fortaleza: UFC, 1983.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS. Versão 2.0a. Editora Objetiva Ltda., 2007.

OLIVAR, Miguel. **Guerras, trânsitos, apropriações:** políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. 2010. 385 pp. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

MAUSS, Marcel. Dom, contrato, troca. In: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia.** São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 351-367.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo, Paz e Terra, 2008a.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundão e consideração:** uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. 2010. 283 pp. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Ceará, 2010.

SHRAGE, Laurie. **Moral dilemmas of feminism:** prostitution, adultery and abortion. Nova Iorque: Routledge, 1994.

SIMMEL, Georg. Algumas considerações sobre a prostituição no presente e no futuro. In: **Filosofia do amor.** Martins Fontes, 2006. pp. 1-17.